

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

SOFIA XAVIER PEREIRA

**MÍDIAS DIGITAIS, PORNOGRAFIA E NEOLIBERALISMO: ETNOGRAFIA
VIRTUAL DA PRODUÇÃO E VENDA DE CONTEÚDO ADULTO ATRAVÉS DA
PLATAFORMA *PRIVACY*.**

**Uberlândia
2024**

SOFIA XAVIER PEREIRA

**MÍDIAS DIGITAIS, PORNOGRAFIA E NEOLIBERALISMO: ETNOGRAFIA
VIRTUAL DA PRODUÇÃO E VENDA DE CONTEÚDO ADULTO ATRAVÉS DA
PLATAFORMA *PRIVACY*.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Ciências Sociais da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
licencianda em Ciências Sociais

Orientadora: Prof. Dra. Cristiane Aparecida
Fernandes da Silva

**Uberlândia
2024**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

P436 2024	<p>Pereira, Sofia Xavier, 2002- Mídias digitais, pornografia e neoliberalismo: [recurso eletrônico] : etnografia virtual da produção e venda de conteúdo adulto através da plataforma Privacy / Sofia Xavier Pereira. - 2024.</p> <p>Orientador: Cristiane Aparecida Fernandes da Silva. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Ciências Sociais. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Sociologia. I. Silva, Cristiane Aparecida Fernandes da, 1974-. (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 316</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

Dedico este trabalho a todas as mentes curiosas e inquietas. Vocês não estão sozinhas, sigam com coragem e humildade em busca de esclarecimentos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais, Anna Carolina e Luiz Ricardo, que me estimularam e colaboraram para minha experiência acadêmica como um todo, nos momentos bons e ruins, presenciais e remotos. Agradeço também meus irmãos, Luís André, Pedro e Olívia, e nossos animais de estimação, Ísis, Fubá, Chico, Uísq e Filó, que me acompanharam nessa jornada, cada um do seu jeito.

Também agradeço minha querida orientadora, Cristiane, que foi muito atenciosa, paciente, competente e esteve comigo em todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa.

Em geral, agradeço todos os professores vinculados ao Instituto de Ciências Sociais (INCIS) e demais Institutos da Universidade Federal de Uberlândia, que me deram aula e serviram de inspiração, contribuindo para a minha formação enquanto cientista social.

Também agradeço aos meus colegas de turma e de curso, que trouxeram leveza, diversão e companheirismo ao longo da graduação. Dentre estes, especiais agradecimentos à Mariana, à Bianca, à Iasmin e ao Paulo, pessoas com as quais tive o prazer de construir amizades muito valiosas.

Ao meu companheiro, Lemuel, que esteve comigo nos bons e maus momentos, me apoiando e compartilhando as angústias de processos de amadurecimento e crescimento.

E, por fim, agradeço também as minhas interlocutoras da pesquisa, produtoras de conteúdo adulto que se dispuseram a participar da minha proposta.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso investiga a produção e venda de conteúdo adulto realizada por mulheres brasileiras cisgênero através da plataforma *Privacy*. Por meio de uma etnografia virtual, o estudo explora as motivações e as dinâmicas envolvidas na criação de conteúdo adulto, ressaltando as categorias de pornografia *mainstream* (convencional), amadora e alternativa (*altporn*), dialogando com Parreiras (2012) e Rost (2016). A pesquisa também aborda teorias de Giddens (1993) e Foucault (2021) sobre a construção de identidades sexuais e a relação entre poder e sexualidade. Além disso, analisa a influência do neoliberalismo, conforme discutido por autores como Harvey (2008), Morozov (2018), Crouch (2010) e demais autores, na monetização da intimidade e da sexualidade. A partir de observação participante e dos questionários aplicados junto às produtoras de conteúdo adulto, o trabalho destaca ainda as redes de apoio entre essas mulheres e alguns desafios enfrentados por elas, como o medo do julgamento moral e social.

Palavras-chave: mídias digitais; pornografia; etnografia virtual; neoliberalismo

ABSTRACT

This course completion work investigates the production and sale of adult content carried out by cisgender Brazilian women through the Privacy platform. Through virtual ethnography, the study explores the motivations and dynamics involved in the creation of adult content, highlighting the categories of mainstream (conventional), amateur and alternative (altporn) pornography, in dialogue with Parreiras (2012) and Rost (2016). The research also addresses theories by Giddens (1993) and Foucault (2021) on the construction of sexual identities and the relationship between power and sexuality. Furthermore, it analyzes the influence of neoliberalism, as discussed by authors such as Harvey (2008), Morozov (2018), Crouch (2010) and other authors, on the monetization of intimacy and sexuality. Based on participant observation and questionnaires applied to adult content producers, the work also highlights the support networks between these women and some challenges they face, such as fear of moral and social judgment.

Keywords: digital media; pornography; virtual ethnography; neoliberalism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DESENVOLVIMENTO	17
2.1 SEXO, IDENTIDADE E SOCIEDADE: ALGUMAS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS	17
2.2 A PORNOGRAFIA NA ERA DIGITAL	21
2.3 PORNOGRAFIA ALTERNATIVA (<i>ALTPORN</i>) E PORNOGRAFIA <i>MAINSTREAM</i>	22
2.4 A PLATAFORMA <i>PRIVACY</i> E A PORNOGRAFIA AMADORA.....	24
2.5 ESTUDO EMPÍRICO DA PRODUÇÃO E VENDA DE CONTEÚDO ADULTO NA PLATAFORMA <i>PRIVACY</i>	25
2.6 A PLATAFORMA <i>PRIVACY</i> E A INFLUÊNCIA NEOLIBERAL.....	29
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
APÊNDICE	

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Interface de perfil não assinado.....	26
FIGURA 2 – Interface de perfil assinado	26
FIGURA 3 – Interface do <i>chat</i> pessoal.....	26
FIGURA 4 – Interface de <i>login</i>	30

1. INTRODUÇÃO

Com o início do século XXI, percebe-se a popularização das formas de sociabilidade virtual, decorrente da expansão do acesso — não de forma homogênea — à internet. Neste recorte temporal, até o momento atual, constantes transformações tecnológicas seguem ocorrendo e, conseqüentemente, novas interações e dinâmicas sociais se apresentam através dos diferentes usos das mídias e das redes sociais digitais.¹ Tais usos são delineados por “experiências mais ou menos comuns, partilháveis, que permitem um nível de interação específico” (Velho, 1998 p. 125) e resultam em contextos passíveis de análise nas Ciências Sociais.

Paralelamente, a utilização de aparatos digitais para a criação e venda de conteúdos considerados eróticos e/ou pornográficos foi tornando-se, cada vez mais, comum, e hoje compõe um nicho amplo denominado de pornografia, que consiste em uma categoria em constante transformação, cujas experiências assumem diversas formas. Esta pesquisa propõe discutir algumas ramificações dessa categoria, ressaltando que sua expansão está diretamente atrelada à ampliação de usos mediados por aparatos digitais e de sociabilidades. Assim, na contemporaneidade, a forma pela qual grande parte da população humana vivencia a sexualidade, bem como o desenvolvimento de suas noções acerca da pornografia e do erotismo, são mediadas pela internet e por aparatos digitais, resultando em novas conjunturas de ordem subjetiva e objetiva.

Diante deste contexto, a presente pesquisa visa contribuir para a construção de um campo analítico emergente denominado, recentemente, como Sociologia e/ou Antropologia Digital (Miskolci, 2016). Considerado ainda embrionário — quando comparado às temáticas de pesquisa mais prestigiadas pelas Ciências Sociais —, esse campo propõe a discussão das novas formas de sociabilidade consolidadas nos meios digitais, compreendendo “que nossas relações se dão em um novo contexto cultural que precisamos investigar e compreender em seus próprios termos” (Miskolci, 2016, p. 284). Como será demonstrado ao longo do texto, algumas pesquisas acadêmicas já se propõem a acompanhar esse tipo de transformação, percebendo que “práticas sexuais invisibilizadas e, mesmo, perseguidas socialmente

¹ Neste caso, para identificar uma tecnologia como “digital”, compreende-se que o conteúdo midiático, antes amparado por algum suporte físico das mídias analógicas (disco de vinil, filme de câmera, papel dos jornais e revistas), é convertido em sequências numéricas, ou melhor dizendo, em dígitos — de onde deriva o termo digital (Martino, 2015; Miskolci, 2016).

encontraram lócus de expressão significativo [...] possibilidades investigativas e analíticas difíceis de serem acessadas no offline” (Pelúcio, 2016, p. 314). Ou seja,

ao referirmo-nos a mídias digitais tendemos a sintetizar ambas as transformações — tecnológica e social — ou melhor, um mesmo processo histórico — ainda em consolidação — de mudança sociotécnica de uma sociedade baseada predominantemente nas relações face a face para uma em que as relações mediadas pela conectividade ganham importância mesmo que não substituam as presenciais (Miskolci, 2016, p. 283).

Recentemente, surgiram propostas que unem essas duas esferas sociais: a sociabilidade mediada pelas mídias digitais e a veiculação de conteúdos pornográficos. Para além de outras, a plataforma brasileira *Privacy*, lançada em 2020, destaca-se no âmbito desta união. Tal plataforma foi proposta para pessoas interessadas em “produzir conteúdo” nas mídias digitais, como meio de monetização direta do conteúdo — qualquer que seja — sem a necessidade de intermediários e/ou publicidade. Ou seja, o intuito é disponibilizar um espaço virtual “livre” para a criação e venda de conteúdo², no qual outras pessoas interessadas tenham de pagar para obter acesso (uma espécie de “assinatura”) ao perfil de produtores e seus respectivos materiais. A plataforma *Privacy* surgiu como uma alternativa brasileira à plataforma *OnlyFans*, esta última que foi lançada no Reino Unido em 2016, pelo britânico Tim Stokely, e, apesar de inicialmente não ter o intuito de propagar conteúdos pornográficos, em 2020, com a pandemia, muitos produtores desse tipo de conteúdo a ocuparam, o que a levou a ser reconhecida por esse nicho mais abrangente, que engloba subcategorias em seu meio.

A *Privacy* permite a postagem de conteúdos de vários nichos, incluindo culinária, esportes, fitness e finanças, e os seguidores podem interagir curtindo, comentando, ou enviando mensagens diretas aos produtores no chat privado. Entretanto, o site ganhou destaque por se tornar a opção de muitos criadores que produzem conteúdo adulto, rivalizando com o *OnlyFans*, como já mencionado. De acordo com os termos de uso da plataforma, os usuários estão autorizados a publicar conteúdos adultos como nudez e exibicionismo, não sendo necessárias mídias com finalidade artística. Também são permitidos conteúdos explícitos, desde que eles não apareçam nas fotos ou capas que ilustram os perfis. Com isso, a *Privacy* medeia a relação entre consumidor e produtor de conteúdo pornográfico exclusivo e estimula a produção e venda desse tipo de conteúdo por meio de propagandas. Na plataforma, os criadores podem estipular valores de assinatura entre R\$ 5 e R\$ 200 por mês, dependendo do alcance e da quantidade de publicações na plataforma. Outras formas de monetização incluem a venda avulsa de pacotes de conteúdo (os famosos *packs*), que ofertam conteúdos exclusivos

² O conteúdo pornográfico aqui considerado é aquele material (fotos, vídeos, GIFs, mensagens, etc.) que contém descrição ou exibição explícita de órgão ou atividades sexuais, com o objetivo de estimular a excitação sexual.

no perfil ou via chat privado, e também por *links* de indicação. Neste caso, o criador pode ganhar uma comissão de 5% sobre um novo cadastro feito no *Privacy* através de um link específico. A plataforma afirma que os criadores ficam com 80% do total das vendas, sendo que eles podem sacar os valores a qualquer momento assim que houver pelo menos R\$ 50 acumulados em saldo, e os outros 20% da receita ficam para a rede social.

Neste sentido, este trabalho de conclusão de curso propõe a realização de uma etnografia virtual com mulheres, cisgênero, brasileiras, que produzam e vendam conteúdo pornográfico através da plataforma *Privacy*, focando em análise qualitativa dos dados. Para tanto, a parte empírica da pesquisa explora e observa os espaços digitais nos quais a produção e venda de conteúdo pornográfico são expressas, através do acompanhamento das dinâmicas da plataforma *Privacy* e da rede social *Instagram* das produtoras de conteúdo; da assinatura e observação de 11 perfis na *Privacy* e da aplicação de questionário com um total de nove produtoras de conteúdo.

Como parte da pesquisa bibliográfica, busca-se dialogar com teorias clássicas que versem sobre mudanças históricas relacionadas à vivência da sexualidade (Giddens, 1993; Foucault, 2021), especialmente no caso das mulheres. Além disso, busca-se discutir a ramificação da pornografia, contextualizando algumas de suas categorias, como a pornografia *mainstream*, a pornografia alternativa ou *altporn* e a pornografia amadora (Parreiras, 2012; Rost, 2016). E, por fim, dialoga-se também com autores que abordam o neoliberalismo e sua expressão no contexto desta pesquisa empírica.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa empírica deste trabalho de conclusão de curso, segui uma abordagem “socioantropológica”, tal qual a cientista social Larissa Pelúcio (2016) propõe em seu estudo sobre aplicativos de relacionamento, voltando-me para a análise da sociabilidade e das particularidades do campo estudado, optando por uma metodologia qualitativa e exploratória. Neste sentido, uma vez que o meio de interação com as interlocutoras e da exploração dos conteúdos adultos que oferecem em plataforma virtual foi remoto, considerei apropriado denominar o conjunto da pesquisa de campo de etnografia virtual, com contribuição, em grande medida, para um recente subcampo da Antropologia, denominado “antropologia digital” (Miller; Horst, 2012). Em geral, a Antropologia digital é bem abrangente, incluindo pesquisas que fazem uso de ferramentas digitais e/ou estudam tecnologias digitais, não apenas a internet, mas também vídeos, fotografias, celulares, *games*, ciência de dados e demais ferramentas e contextos relacionados. Desse modo, em consonância com Pelúcio (2016), cabe ressaltar também: “Trata-se de uma etnografia feita na lógica do par: eu e [ela(s)], nunca eu e um grupo” (Pelúcio, 2016, p. 326), já que o contato com as interlocutoras foi realizado em espaços virtuais particulares, como chats e e-mails.

Considerando que os temas erotismo, sexualidade e pornografia, abordados nesta pesquisa, são polêmicos por envolverem muitos juízos de valor, notadamente de teor moral — que podem ser conflitantes e mesmo contraditórios entre si — adotei um posicionamento mais “tateante”. Não apenas por isso, de acordo com o sociólogo Uwe Flick (2009), a comunicação do(a) pesquisador(a) constitui parte explícita da produção de conhecimento, envolvendo a participação de subjetividades (pesquisador/pesquisado), e, portanto, sendo adequado ter cuidado na condução da dinâmica de pesquisa. No caso da Antropologia digital, conforme Parreiras, Lins e Freitas (2020, p. 4), isso requer que os pesquisadores da área trabalhem “de modo artesanal, passo a passo, adequando, e muitas vezes criando, nossas ferramentas de pesquisa na medida em que vamos avançando na investigação junto com nossos/as interlocutores/as em campo”. Desse modo, esta pesquisa de caráter eminentemente qualitativo, que explora as complexidades de um campo virtual, apropriou-se de métodos abertos à complexidade do objeto de investigação, não reduzido “a simples variáveis, mas sim [representado] em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos” (Flick, 2009, p. 24).

Ao longo de toda a pesquisa de campo, mantive-me como observadora e não cheguei a produzir ou vender qualquer tipo de conteúdo — ainda que esta ideia tenha sido aventada

algumas vezes, dada a sedução etnográfica de imersão participante na realidade estudada. Também, considereei integrar os assinantes/clientes dos perfis ao grupo de interlocutores desta pesquisa, possibilitando a análise de suas perspectivas, em comparação com aquelas das produtoras de conteúdo adulto. Porém, além da dificuldade em acessar essas pessoas — pois suas identidades não são expostas na plataforma e eu mesma não tenho conhecimento de pessoas que sejam clientes desse nicho de perfil —, achei mais viável e adequado com as discussões teóricas focar o recorte empírico com as mulheres produtoras de conteúdo. Portanto, como eu já acompanhava alguns perfis de produtoras desse gênero de conteúdo no *Instagram*, planejei assinar seus respectivos perfis na plataforma *Privacy* para conhecer melhor o tipo de conteúdo produzido e as dinâmicas e características próprias da plataforma e, posteriormente, entrar em contato com elas pelo chat dessa rede social, com o intuito de propor entrevistas, que poderiam ocorrer de forma presencial — com as produtoras que residem em Uberlândia — e de forma remota — com aquelas que residem fora de Uberlândia.

A assinatura dos perfis foi bem-sucedida, requisitando investimento financeiro de minha parte: no total, foram 11 perfis assinados, com valores que variavam de R\$9,99 a R\$35,00. Cada assinatura dessa disponibiliza acesso ilimitado aos conteúdos dos respectivos perfis ao longo de um mês, sendo necessário novo pagamento para mais tempo de acesso (alguns perfis também oferecem pacotes trimestrais). Por outro lado, a proposta de entrevista não saiu como o planejado. Enviei uma mensagem através do chat do *Instagram* para duas produtoras que residem em Uberlândia, apresentando-me como pesquisadora, explicando minha motivação e propondo um encontro em algum local público para uma entrevista acerca da temática; ressaltai, também, que nenhuma identidade seria exposta, mantendo total anonimato das entrevistadas. Idealmente, deveria ser uma entrevista semi-estruturada, contando com um roteiro prévio com poucas perguntas abertas e seguindo-o de forma flexível, possibilitando o desenvolvimento de um diálogo mais espontâneo e dinâmico, ou, ainda, uma entrevista centrada, que trabalharia com hipóteses acerca da temática, deixando as entrevistadas descreverem “livremente sua experiência pessoal a respeito do assunto investigado” (Thiollent, 1982, p. 35). Muito embora a primeira produtora tenha me respondido confirmando a possibilidade da entrevista, conforme fomos avançando a conversa para marcar data e local, ela parou de me responder; já a outra produtora nem chegou a visualizar ou responder a minha mensagem.

Diante de tal situação, tive de recorrer ao plano B, que consistia no envio de um questionário às produtoras de conteúdo, tentando alcançar o máximo de respondentes possíveis. Para isso, encaminhei uma mensagem padronizada explicando o teor da pesquisa,

ressaltando novamente que nenhuma identidade seria revelada, juntamente ao link do questionário produzido através do *Google Forms*. Conforme consta no apêndice desta pesquisa, esse questionário continha duas sessões: uma focada nos dados identitários das produtoras; e a outra focada na relação das respondentes com a produção e venda de conteúdo adulto, considerando suas motivações, a plataforma, as opiniões de familiares e amigos, e a relação com os assinantes de seus respectivos perfis e com as demais produtoras.

Sendo assim, inicialmente, tentei contatar as produtoras através do chat do *Instagram*, contabilizando um total de 24 perfis, para os quais enviei o questionário. Infelizmente, a dinâmica dessa rede social não me permitiu ter um bom alcance com as mensagens, uma vez que a primeira mensagem enviada para qualquer perfil aparece apenas como uma “solicitação de contato”, que carece do aceite da outra pessoa, constando numa aba menos visível e não no espaço comum do chat. Além disso, alguns perfis aos quais enviei o questionário são mais populares, possivelmente tornando mais difícil contatar tais pessoas, que devem receber grande quantidade de solicitações de contato. Assim, dentre as 24 solicitações de contato que enviei no *Instagram*, apenas duas produtoras responderam-me.

Alguns desses perfis disponibilizavam no *Instagram* um e-mail para contato profissional. Nestes casos, tentei comunicação através do e-mail, mas não obtive resposta. Também busquei contatar a própria plataforma *Privacy*, através de dois endereços de e-mail, que são disponibilizados para contato no respectivo perfil do *Instagram*, apresentando-me, explicando novamente a motivação da pesquisa e ressaltando o anonimato. A resposta obtida foi que não seria possível auxiliarem-me com isso (a pesquisa), pois só disponibilizavam suporte para problemas e questões referentes à própria plataforma.

Diante de tais empecilhos, empenhei-me em um último recurso, que felizmente foi exitoso: assinar os perfis de cada produtora do *Privacy* e contatá-las pelo chat da plataforma, colocando-me como uma espécie de cliente, mas me apresentando como pesquisadora na mensagem. Dessa forma, obtive três respostas, considerando que nem todos os perfis assinados responderam-me — principalmente aqueles de produtoras mais “famosas”, com maior número de assinantes. Dentre essas três respostas, uma delas retornou-me afirmando que tinha gostado da ideia e que iria repassar o link do questionário através do *Whatsapp*, para alguns grupos de produtoras de conteúdo, o que me possibilitou quatro respondentes, a partir de apenas um perfil assinado e contatado.

Após um mês e duas semanas tentando contato com as produtoras, optei por encerrar esse processo, visto que não tinha mais condições de continuar investindo financeiramente e que o tempo para a apresentação do trabalho de conclusão de curso estava próximo. Tive receio

de não ter tempo suficiente para a análise dos dados e escrita do trabalho e, portanto, foi necessário interpretar o que obtive de dados dentro desse tempo e recurso limitados. Sendo assim, com o total de nove respostas ao questionário, a pesquisa realiza análise qualitativa das informações catalogadas, em conjunto tanto com as minhas observações etnográficas na plataforma estudada quanto com a discussão teórica, analisando as motivações, receios e orientação sexual das produtoras; a conexão entre o conceito de *altporn* e a produção e venda de conteúdo adulto; e a influência neoliberal presente no slogan e na dinâmica da plataforma *Privacy*.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Sexo, identidade e sociedade: algumas transformações históricas

Dentre as inúmeras possibilidades de interação praticadas pelos seres humanos, a relação sexual constitui parte intrínseca de todas as sociedades, principalmente por ser a dinâmica de reprodução da espécie humana. Uma vez que as relações sexuais condicionam e são condicionadas por outras questões sociais, muitos estudos acadêmicos debruçam-se sobre o tema, em particular as perspectivas do sociólogo Anthony Giddens e do filósofo Michel Foucault, respectivamente em suas obras clássicas *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (1993) e *A história da sexualidade: a vontade de saber* (2021)³.

Nessa obra, Giddens (1993) explora como a modernidade afeta as relações íntimas, que incluem as relações sexuais, abordando a transformação das estruturas tradicionais de sexualidade, amor e erotismo nas sociedades ocidentais, especialmente ao longo do século XX. Ele também argumenta, que as mudanças na intimidade são impulsionadas por processos sociais, como a emancipação das mulheres, o declínio das instituições tradicionais (como o casamento) e o aumento da reflexividade individual, na qual os indivíduos têm mais controle sobre suas identidades e escolhas pessoais; e discute como essas mudanças reconfiguram as experiências pessoais e interpessoais no contexto da modernidade tardia⁴. De forma geral,

³ A obra completa de Foucault, *A história da sexualidade*, é composta por 4 volumes, mas a presente pesquisa dialoga apenas com o primeiro volume.

⁴ O período histórico conhecido como "modernidade tardia" ou "modernidade reflexiva" refere-se às transformações sociais, culturais e econômicas ocorridas, principalmente, a partir do século XX, caracterizadas

Giddens (1993) aponta as diferenças culturais entre as sociedades e considera que tais transformações não ocorrem de forma homogênea ao redor do mundo; ainda assim, ele destaca as transformações percebidas nas sociedades ocidentais e as considera importantes num mesmo grau.

Seguindo um caminho diferente, mas ainda tratando de temáticas similares, Foucault (2021) no primeiro volume de sua obra, examina a relação entre poder, conhecimento e sexualidade ao longo da história ocidental. Ele argumenta que o discurso sobre sexualidade não é simplesmente repressivo, mas também produtivo, criando novas formas de poder e controle sobre os corpos e as identidades, especialmente a partir do século XVIII. Ainda, critica a ideia de uma sociedade repressiva e revela como as práticas e discursos sexuais foram historicamente regulados e incentivados através de mecanismos como a medicina, a psiquiatria e a confissão. Assim, a obra destaca de que forma o saber sobre a sexualidade é utilizado para moldar e disciplinar indivíduos, contribuindo para a formação de identidades e subjetividades dentro de sistemas de poder mais amplos.

Giddens (1993) reconhece a influência e relevância da obra de Foucault, ao discutir as mudanças nas relações íntimas das sociedades modernas, compartilhando da sua visão de que a sexualidade é um campo crucial no qual se manifestam relações de poder e conhecimento. Ambos os autores questionam as narrativas simplistas de repressão sexual e exploram como as práticas e discursos sexuais são construídos e regulados em contextos sociais e históricos específicos.

No entanto, é de conhecimento dos estudiosos sobre esses autores, que Giddens critica Foucault, por este não considerar a agência dos indivíduos na negociação de suas identidades sexuais e construção de relacionamentos íntimos, na mesma medida em que considera a influência das relações de poder atuantes em estruturas mais amplas. Em relação a isso, Gomes, Almeida e Vaz (2009), refletem sobre as críticas de Giddens e as reposicionam, percebendo que “falta à Giddens uma maior atenção aos desdobramentos existentes na obra foucaultiana, evidente mesmo no momento em que o sociólogo elaborou suas críticas ao filósofo” (Gomes, Almeida, Vaz, 2009, p. 309). Com base na análise do texto *A vida dos homens infames* (2003), escrito por Foucault em 1977 (antes da crítica de Giddens ser elaborada), Gomes, Almeida e Vaz (2009, p. 307-308) identificam que o autor

mostra-se consciente das dificuldades presentes na analítica até então por ele construída. Essa autocrítica, conforme inúmeros comentadores têm destacado em tempos recentes (Senelart, 1995; Ortega, 1999; Bodei, 2000;

pelo declínio das formas tradicionais de organização social e pela emergência de novas formas de individualismo, liberdade sexual, igualdade de gênero e reflexividade nas escolhas pessoais (Giddens, 1990, 1991).

Lazzarato, 2000; Gros, 2004a), está relacionada a um conjunto de mudanças em seu pensamento e mesmo em sua vida. É somente no final dos anos de 1970 que ele opera, por exemplo, um deslocamento teórico no eixo do poder: a noção de poder, de cunhagem nietzschiana (como relação de forças), será substituída pela idéia de poder como governo, orientada [...]. O estudo dessas técnicas governamentais apontam efeitos de saber/poder que não são apenas de centralização e dominação, mas também de individualização e subjetivação (Rabinow & Rose, 2006); nesse caso, o sujeito já não se constitui de forma heterônoma, como objeto de um aparelho de poder/saber, mas obtém certa autonomia, de modo que possa ser pensando para além desse dispositivo.

Neste sentido, conforme esses três autores analisam outras obras de Foucault, especialmente os últimos volumes da trilogia em questão, *História da sexualidade II: o uso dos prazeres* (1984) e *História da sexualidade III: o cuidado de si* (1985), identificam argumentos que retomam e enfatizam a autonomia da agência do indivíduo perante as forças estruturais mais amplas. Logo, a “crítica giddensiana deixa de ser anacrônica somente se endereçada àquele domínio inicial da genealogia foucaultiana” (Gomes, Almeida, Vaz, 2009, p. 310).

Para o interesse do presente trabalho, as divergências entre Giddens e Foucault não são de grande relevância, mas sim, algumas considerações que influenciam o contexto atual estudado, a saber a produção e venda de conteúdo adulto realizado por mulheres. Neste sentido, Giddens (1993) argumenta que, dentre as inúmeras experiências, sejam elas individuais ou sociais, que participam da construção da identidade dos sujeitos, as experiências sexuais constituem importante papel nesse processo. Para ele, “a sexualidade funciona como um aspecto maleável do *eu*, um ponto de conexão primária entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais” (Giddens, 1993, p. 25). Desse modo, ele destaca que a sexualidade não é fixa, mas sim moldável ao longo da vida, e enfatiza que as escolhas e experiências sexuais são influenciadas por fatores sociais, culturais e individuais, configurando uma dinâmica na qual o corpo conecta-se à autoidentidade do indivíduo e é moldado por normas sociais que regulam práticas sexuais e relacionamentos íntimos na sociedade.

Um exemplo ilustrativo, seria o preconceito que muito categorizou, e em vários contextos ainda categoriza, mulheres entre “virtuosas” e “perdidas”. Ressaltando que Giddens argumenta acerca de um período histórico e cultural específico e reconhece a diversidade nesse sentido, ele aponta que, por muito tempo, “a ‘virtude’ [havia] sido definida em termos da recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual” (idem, p. 16), e, para o autor, existiria um consenso geral de que “o confinamento da sexualidade feminina ao casamento era importante como um símbolo da mulher ‘respeitável.” (idem, p. 58). Logo, o comportamento sexual das mulheres tem moldado grande parte de suas identidades perante o restante da sociedade, da mesma forma que as expectativas sociais têm influenciado em seu comportamento sexual.

Além disso, dentre as transformações sofridas pela intimidade moderna com a crescente luta pela igualdade de gênero, para Giddens (1993, p. 190):

As mulheres, em particular, conseguiram liberdades sexuais que, por mais parciais que ainda possam ser, são notáveis em comparação com algumas décadas atrás. Sejam quais forem as limitações e distorções a que se esteja sujeito, existe hoje um diálogo muito mais aberto sobre a sexualidade, em que virtualmente toda a população está envolvida, do que parecia concebível às gerações anteriores.

O sociólogo também avalia a contracepção efetiva como uma invenção que revolucionou a vida das mulheres, mas que também impactou profundamente a sociedade como um todo, podendo caracterizar-se como uma ruptura histórica com abertura de portas para uma nova era de liberdade sexual. Para as mulheres, em particular, a contracepção representou um salto gigante em direção à autonomia, pois suas relações sexuais e afetivas deixaram de estar atreladas a um destino biológico inevitável, no qual as mulheres eram incumbidas de casar e ter filhos, e potencializaram-se em escolhas conscientes, maleáveis e diversificadas. O corpo feminino, antes refém da reprodução, transformou-se em um território a ser explorado e desfrutado de acordo com seus próprios desejos, permitindo que a relação sexual fosse mais focada no prazer e na intimidade, ao invés de ser necessariamente voltada para a reprodução.

Apesar de tais “avanços”, cabe ressaltar o caráter paradoxal dessa conjuntura. Como dito acima, se as mulheres, em geral, têm colocado-se menos passivas diante de suas vivências sexuais e, conseqüentemente, diante de suas identidades, por outro lado, elas também se expõem a dinâmicas que podem ser contraditórias. Ou seja, por um lado existem mudanças que podem ser benéficas e trazerem maior autonomia na tomada de decisão das mulheres, mas, por outro lado, tais mudanças envolvem situações de maior vulnerabilidade, uma vez que essas mulheres rompem com padrões e isso, muitas vezes, é encarado de forma negativa por outros sujeitos que, de alguma forma, se beneficiam com o padrão antigo.

Diante de mudanças tão significativas na vivência da sexualidade, em especial no caso das mulheres, Giddens aponta que elas têm assumido um papel de cobaias, juntamente com os homens gays, uma vez que estes precederam experiências sexuais e afetivas desviantes das estruturas de casamento tradicionalmente adotadas. Apesar disso, considerando a dificuldade de tal empreitada, o sociólogo percebe que

algumas garotas tentam recuar para ideias e modos de comportamento preexistentes. [...] A maioria se depara rompendo com normas e tabus anteriormente estabelecidos, adaptando-os de tal forma que grande parte da energia emocional é investida, mas de uma maneira absolutamente provisória e propensa à reestruturação à luz de possíveis acontecimentos futuros (Giddens, 1993, p. 62).

Apesar de seguirem abordagens diferentes, Giddens (1993) e Foucault (2021) reconhecem a situação das sexualidades periféricas, que não são cultivadas apenas visando a reprodução heteronormativa. Foucault (2021), por exemplo, reconhece que o rompimento com

as leis do casamento ou ainda a busca por prazeres “estranhos” eram considerados merecedores de condenação, uma vez que:

Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos — além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião — regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais (Foucault, 2021, p. 41).

Concomitantemente, com surgimento de novas categorias e minorias eróticas, Giddens (1993) constata a proliferação de identidades sexuais, encaradas como perversões por alguns, e incorporadas na sociabilidade cotidiana de outros. Para ele, o reconhecimento de

diversas tendências sexuais leva à aceitação de uma pluralidade de possíveis estilos de vida, o que se configura como uma atitude política. Logo, os “pervertidos assumidos”, que inicialmente tiveram um espaço público discretamente permitido, tornaram-se expressivos e articulados em defesa de sua própria causa.

Isto posto, cabe refletir sobre o contexto que interessa à presente pesquisa, que compõe dinâmicas das quais as identidades sexuais periféricas são condenadas. Afinal de contas, mulheres que produzem e vendem conteúdos considerados pornográficos, eróticos ou sensuais, através de plataformas digitais, não seguem exatamente os moldes de conduta do casamento heteronormativo e religioso (Giddens, 1993), e muito menos alinham-se aos ideias do puritanismo cristão, que tanto influenciou e influencia as sociedades ocidentais (Foucault, 2021). Portanto, cabe refletir também como essas mulheres lidam com as consequências de participarem de dinâmicas ditas periféricas, e quais novas configurações são percebidas na luta pela construção de suas identidades, especialmente através de suas relações sexuais e interpessoais.

2.2 A pornografia na Era Digital

As práticas sociais apresentam diversas possibilidades, entre as quais uma bastante conhecida e difundida ao redor do mundo, e paradoxalmente bastante polêmica, é a pornografia. A cientista social e antropóloga Carolina Parreiras (2012) analisa representações em imagens e vídeos considerados pornográficos disponíveis em sites gratuitos e pagos, e alega que:

Se formos realizar um traçado da história do que se tipifica enquanto pornografia, veremos que em muitos momentos aparecerão a clandestinidade, a ilegalidade, perseguições e prisões. Diversos são os contenciosos em torno desse tema, desde as discussões jurídicas, passando pelo movimento feminista e pelos interesses do mercado. Não há e talvez esteja longe de existir um consenso em torno dessa categoria e de que materiais deveriam ou poderiam ser por ela tipificados. (Parreiras, 2012, p. 199).

Logo, em vista dos limites imprecisos sobre a definição da categoria pornografia e apesar de não haver um significado intrínseco que a circunscreva com precisão, o presente trabalho busca abordá-la com sentidos em constante transformação (Parreiras, 2012), principalmente quando inserida em contextos virtuais. Portanto, propõe-se compreender a categoria pornografia de acordo com o contexto em que ela esteja inserida, a partir de diferentes posições de poder, mas sempre ligada a uma mesma matriz: as representações daquilo que se entende como sexo.

Pode-se afirmar, que a ascensão da internet marcou um ponto de inflexão na história da

pornografia, transformando-a de um nicho mais discreto e restrito em um fenômeno global e de acesso facilitado. O contato com a pornografia era limitado à revistas, filmes e vídeos físicos (DVDs⁵ e fitas VHS⁶, por exemplo), distribuídos em locais específicos ou através de contatos discretos. Em contrapartida, a partir da década de 1990, a internet confere à pornografia o que Jorge Leite Jr. (2006), sociólogo e especialista na temática, chama de “novo fôlego”, ampliando o acesso ao conteúdo erótico e gratuito e tornando-o disponível a qualquer pessoa com um dispositivo conectado na Rede Mundial de Computadores (*World Wide Web*). Neste sentido, mesmo que existam avisos sobre o tipo de conteúdo que a pessoa está prestes a ter contato e sobre a faixa etária apropriada para o acesso (“proibido para menores de 18 anos”), os sites e plataformas não costumam barrar os internautas de acessarem a pornografia, sendo possível mentir a idade facilmente.

Essa transição digital não apenas ampliou o leque de conteúdos eróticos disponíveis ao público, mas também transformou a forma como as pessoas os consomem e interagem com eles. Parreiras (2012) afirma que essa democratização possibilitou a exploração de nichos e fetiches antes marginalizados, criando um universo de possibilidades eróticas. Nestes espaços virtuais (sites, plataformas), os usuários podem não apenas consumir conteúdo, mas também interagir entre si, compartilhar experiências e criar suas próprias produções, facilitando a conexão com pessoas que compartilham interesses sexuais específicos, promovendo a formação de comunidades online e oferecendo ambientes resguardados para aqueles que buscam explorar a própria sexualidade, sem necessariamente exporem suas identidades. Tais dinâmicas são, praticamente, irrealizáveis em contextos não virtuais, e acabam configurando temáticas de grande interesse para estudos socioantropológicos, especialmente pelo impacto que causam na sociabilidade, que passa a ser reconfigurada conforme práticas renovadas e alternativas, logo, não raro, desencaixadas dos padrões sociais vigentes.

2.3 Pornografia alternativa (*Altporn*) e pornografia *mainstream*

Com o surgimento da Web 2.0⁷, a interação com os aparatos tecnológicos foi facilitada

⁵ Digital Versatile Disc (DVD) ou Disco Digital Versátil: é um tipo de mídia para armazenamento de dados ou uso em aplicações multimídia, como filmes e jogos.

⁶ Vídeo Home System (VHS) ou Sistema Doméstico de Vídeo: é um padrão comercial para consumidores de gravação analógica em fitas de videocassete. Foi o formato de vídeo doméstico dominante entre as décadas de 1970 e 2000.

⁷ A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, ampliando os espaços para a interação entre os internautas; a Web 2.0 também agrega um conjunto de novas estratégias mercadológicas (como as redes sociais) e processos de comunicação mediados por computadores e outros aparatos tecnológicos (Primo, 2006).

e, com a intensificação dos usos de internet móvel, qualquer pessoa conectada torna-se não apenas um usuário, mas também um(a) produtor(a) em potencial. Novamente, para Parreiras (2012):

Vem daí o significativo crescimento na quantidade de vídeos amadores, o aparecimento de uma série de sites com interação via webcam e, como um efeito interessante desse processo, o fortalecimento de gêneros alternativos ao *mainstream*, como, por exemplo, o *altporn*, o *kink* (pornografia BDSM e fetichista) e a pornografia feminista. (Parreiras, 2012, p. 202)⁸

A partir disso, cabe explicar algumas das categorias utilizadas pela pesquisadora. De modo geral, os sites de pornografia gratuita — Xvideos (www.xvideos.com); RedTube (www.redtube.com); PornoTube (www.pornotube.com) e YouPorn (www.youporn.com) — oferecem uma aba subdividida em diferentes categorias, que agrupam vídeos com determinadas características; neste contexto virtual, foi possível perceber uma ramificação ainda maior dessas categorias. No entanto, tal qual as mídias filmicas, é possível identificar certo padrão de características presentes na maioria das mídias pornográficas, ou seja, uma fórmula/script dos filmes mais convencionais, que compõe aquilo que Parreiras (2012) denomina como “pornografia *mainstream*”, ou ainda, convencional. Sendo assim, para considerar uma determinada mídia como pornografia *mainstream*, deve-se encontrar características como:

filmes heterossexuais ou lésbicos para homens; centralidade do sexo anal; apagamento do homem, que se resume ao pênis (na grande maioria dos vídeos, não aparece nem mesmo o seu rosto); obrigatoriedade do gozo, observável pelos gemidos e outros sons geralmente femininos e pelo pênis que ejacula – o chamado *money shot* – em direção à câmera e preferencialmente no rosto da atriz. (Parreiras, 2012, p. 216)

A antropóloga, Maria Elvira Diás-Benitez (2010) também acrescenta à delimitação das fronteiras, nada rígidas por sinal, que cercam a pornografia *mainstream*, identificando nela uma espécie de sexo coreografado e ritualizado, com posições sexuais bem específicas e padronizadas.

Por outro lado, Parreiras (2012) e outras referências internacionais (Atwood, 2007 e Paasonen, 2010), identificam a pornografia alternativa ou *altporn*, como uma categoria alinhada a uma certa estética que busca romper com os padrões de corpos, desejos e práticas sexuais da pornografia *mainstream*. Não que a pornografia alternativa deixe de seguir um *script* e convenções próprias, mas procura mostrar aquilo que normalmente não aparece na pornografia *mainstream*. Alguns traços característicos das produções do *altporn* são:

⁸ *Kink* é um termo em inglês, que designa formas de excitação sexual que envolvem práticas e fetiches não convencionais. Já o BDSM é um acrônimo que engloba um conjunto de práticas e preferências sexuais que envolvem bondage — práticas que envolvem amarração, restrição física e/ou contenção — e disciplina (BD), dominação e submissão (DS), e sadismo e masoquismo (SM); o BDSM funciona como uma espécie de jogo na hora do sexo, baseado em princípios de consentimento mútuo, comunicação aberta e segurança, respeitando sempre os limites e desejos das partes envolvidas.

o padrão de corpos exibidos – de meninas tatuadas ou com algum outro tipo de *body modification* e que se identificariam com uma cena mais alternativa e independente (*nerd, indie*) em termos de músicas e estilos de vida – o uso de *sex toys* e a presença de algumas cenas fetichistas e de BDSM, como podolatria⁹, amarrações. (Parreiras, 2012, p. 211).

Neste sentido, percebe-se que o *altporn* constitui uma categoria que aparece quase sempre atrelada a certas subculturas, tendências e estéticas independentes.

Outro ponto em comum encontrado no *altporn*, de acordo com Parreiras (2015), seria a associação direta entre a pornografia alternativa e o desenvolvimento de novas tecnologias de conexão. Uma das formas pelas quais o *altporn* distancia-se da estética e narrativa *mainstream* é na redefinição do conceito de produção: muitas vezes, bastando um aparelho celular com câmera e internet para criar esse tipo de conteúdo. Simultaneamente, o uso de plataformas e sites que permitem a interação entre produtores, consumidores e pessoas com interesses alternativos em comum, também demonstra tal relação. Logo, a pornografia alternativa desenvolve-se com base nos avanços tecnológicos, que são apropriados e utilizados de diversas maneiras inovadoras. Portanto:

Não é possível dizer, por exemplo, que toda pornografia alternativa não visa ser comercial ou gerar dividendos. O que ocorre é a formação de novos mercados com um público consumidor de cada um dos vários tipos de produções e das estéticas próprias de cada uma delas. (Parreiras, 2012, p. 139).

2.4 A plataforma *Privacy* e a pornografia amadora

Seguindo a lógica da criação autônoma e personalizada de conteúdo pornográfico, na qual não é necessário uma equipe produtora, é possível identificar na realidade social atual algumas iniciativas que facilitam e medeiam tal empreitada. Dentre as quais, a plataforma brasileira *Privacy*, lançada em 2020 constitui uma destas iniciativas, proporcionando um espaço no qual qualquer pessoa pode criar um perfil para postar e vender conteúdos sob a forma de mensagens de texto, fotos, vídeos e GIFs. Aqueles que pretendem ter acesso aos conteúdos de determinados perfis, precisam realizar uma “assinatura”, pagando o preço estipulado pelo(a) produtor(a) de conteúdo para acessar os conteúdos por tempo limitado — podem ser assinaturas mensais, trimestrais ou semestrais. Vale ressaltar, também, que a plataforma oferece uma aba de *chat*, possibilitando que os assinantes conversem através de mensagens de texto e/ou áudio com os produtores de conteúdo. Assim, a *Privacy* serve como mediadora dessa relação entre produtor(a) e assinante, oferecendo, no ambiente virtual, recursos possibilitados apenas na Web 2.0.

⁹ Podolatria é o nome dado para o interesse ou excitação sexual provocada pelos pés, usualmente considerado um “fetiche em pés”.

Com relação ao tipo de conteúdo produzido e comercializado na plataforma, esta propõe liberdade criativa aos produtores e assinantes, mas o nicho que mais ganhou e segue recebendo destaque é o de conteúdo adulto, que engloba conteúdos considerados pornográficos, eróticos e sensuais. Nestes casos, homens e mulheres produzem os conteúdos para seus respectivos perfis, podendo incluir produções profissionais e/ou amadoras e com participação de outras pessoas e/ou solos. Não se trata necessariamente de prostituição, uma vez que tal atividade envolve a venda das imagens, por sua vez diferente da venda do acesso aos corpos, mas, por se tratarem de contextos correlatos, encontram-se algumas produtoras que participam de ambas as dinâmicas: venda de conteúdo adulto e prostituição.

Diante de tais configurações recentes, e considerando que, mesmo existindo acesso gratuito a conteúdos pornográficos, uma quantidade considerável¹⁰ de pessoas se dispõem a pagar para ter acesso a conteúdos semelhantemente pornográficos; cabe refletir sobre a particularidade da pornografia amadora. Ao realizar um estudo etnográfico numa plataforma de pornografia *live streaming*¹¹, a antropóloga e cientista social Mariana Rost (2016) propõe pensar na pornografia amadora como uma categoria que não é profissional, mesmo que apresente possibilidade de retorno financeiro. Para Rost (2016, p. 67),

a carência de profissionalismo não necessariamente está associada ao dinheiro no imaginário pornô, mas sim, à falta de controle profissional que legitimará uma prática sexual como autêntica. De acordo com Patterson (2004), essa perda do controle presente no amador contrasta com o controle do profissional: a falta de controle produzirá um realismo do sexo, uma expectativa de que a pessoa na pornografia revele algo que não necessariamente queira ou planeje revelar.

Diante disso, Rost (2016) reflete que, ao mesmo tempo em que a pornografia amadora clama pela autenticidade, tal categoria também constitui uma ideia de proximidade entre produtor(a) e consumidor(a). Essa busca pelo autêntico pode estar por trás não apenas das pessoas que assistem pornografia, mas também por trás daquelas que a produzem; logo, a ideia de proximidade entre quem faz e quem assiste, constituiria a grande promessa da pornografia amadora na internet. Ou seja, são pessoas reais, com desejos reais, assistindo a pessoas reais, realizando desejos reais.

Para a socióloga Jill Bakehorn (2010, p. 55), a autenticidade tem sido estudada em muitos campos diferentes por estar relacionada com a procura existencial por um “*self* autêntico” e como um ideal “contra as forças homogeneizadoras e alienantes da sociedade moderna”. Ela argumenta que a originalidade e a autenticidade têm grande valor no mundo contemporâneo,

¹⁰ Desde sua criação, em 2020, o serviço da plataforma *Privacy* acumulou mais de 24 milhões de usuários mensais e mais de 150 mil produtores de conteúdo. (Startupi, 2024)

¹¹ A pornografia *live streaming* consiste em transmissões ao vivo, via *webcam*, realizadas por pessoas que se apresentam em atividade sexual com a possibilidade de quem as assiste interagir com elas e entre si. (Rost, 2016)

pois os indivíduos são constantemente bombardeados com representações fabricadas e anseiam por experiências genuínas. Esse anseio alimentou o surgimento não apenas da pornografia amadora, mas também de outras formas de mídia que visam apresentar a "realidade" e permitir a imersão na vida dos outros, como *reality shows* (Rost, 2016, p. 67 apud Bakehorn, 2010, p. 55).

2.5 Conteúdo adulto na plataforma *Privacy*: estudo empírico da produção e venda realizada por mulheres, cis, brasileiras

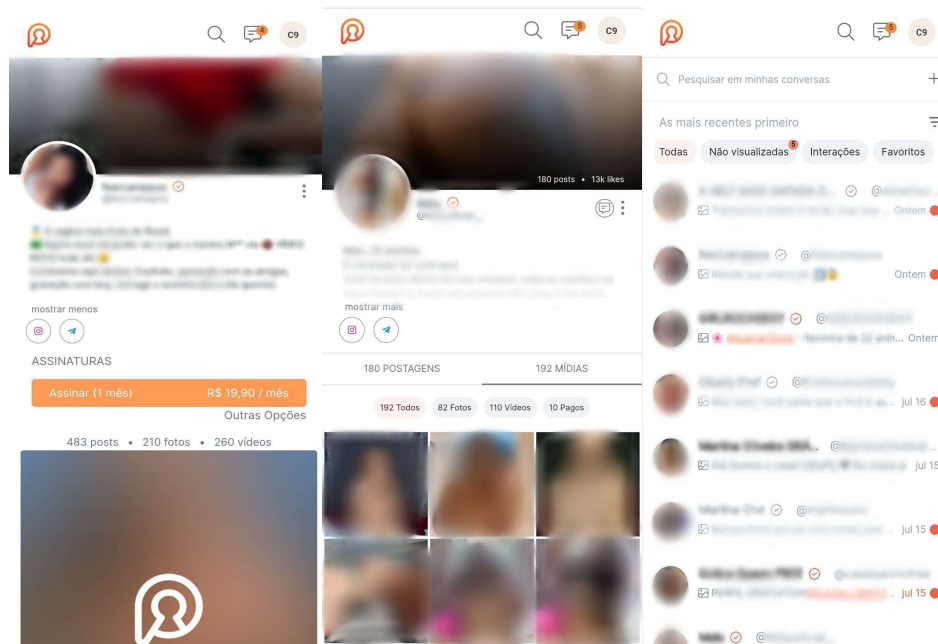
Com base no trabalho de observação das dinâmicas interativas e comportamentais presentes nesse campo virtual, somada à aplicação do questionário e as respostas obtidas na pesquisa empírica deste trabalho de conclusão de curso, foi possível distinguir algumas particularidades das quais esse capítulo visa apresentar.

Em relação à interface, em geral, ao pagar/assinar para ter acesso a qualquer perfil na plataforma *Privacy*, a página principal dos perfis segue um modelo padronizado: uma foto horizontal de capa, na parte superior da página; acima desta, o acesso ao chat; uma foto de perfil no canto superior esquerdo, envolta por um molde redondo; logo abaixo, há um espaço no qual as produtoras explicam quem são e o tipo de conteúdo que produzem; também são disponibilizados ícones com as páginas de outras redes sociais (*Instagram* e *Telegram*); logo abaixo, existem duas abas que podem ser acessadas, uma com a quantidade de postagens (“X postagens”) e outra com a quantidade de mídias (“X mídias”). Assim, a aba das postagens funciona de modo bem semelhante ao *feed* do *Instagram*, no qual as postagens aparecem, uma por uma, das mais recentes até as mais antigas; já a aba das mídias se ramifica em quatro: “todos”, “fotos”, “vídeos” e “pagos”.

Figura 1 - Interface de perfil não assinado (primeira à esquerda)

Figura 2 - Interface de perfil assinado (posição central)

Figura 3 - Interface do chat pessoal (última à direita)



www.privacy.com.br

Nos termos definidos anteriormente sobre mídias amadoras (Rost, 2016), grande parte dos perfis de mulheres que produzem e comercializam conteúdo adulto na plataforma *Privacy* contém mídias desse tipo. Logo, ainda que alguns perfis apresentem ensaios profissionais (com fotos e vídeos), boa parte das mídias são produções feitas pelas próprias produtoras de conteúdo, com a câmera do celular, transmitindo a ideia de serem produzidas por “pessoas reais”. Além disso, a assinatura dos perfis com acesso ao chat também envolve a ideia de proximidade entre assinante e produtora, realçando ainda mais o encaixe dessa dinâmica na categoria de pornografia amadora, como demonstram alguns exemplos:

Oi, amor! Que bom te ver por aqui <3 O chat é aberto comigo, para conversarmos sobre o que quiser (Trecho de mensagem inicial, enviada através do chat no momento de aprovação da assinatura do perfil).

Oiie meu bem! # Esse é o nosso espaço, e quero ficar juntinha de você! (Trecho de mensagem inicial, enviada através do chat no momento de aprovação da assinatura do perfil).

CONTEÚDOS 100% EXPLÍCITOS E VÍDEOS REAIS!! (Trecho da descrição de um dos perfis assinados).

Paralelamente, ao longo do processo de observação do contexto de pesquisa, percebeu-se a presença, em diferentes medidas, de todas as características que estão atreladas à categoria da pornografia alternativa (*altporn*). A começar pela composição dessa dinâmica, que envolve o uso constante de tecnologias, incluindo a própria plataforma, as redes sociais, o uso de *sex*

toys, câmeras profissionais e de celulares, dentre outras. Em relação às mídias, a maioria não segue necessariamente o *script* da pornografia *mainstream*, e exploram possibilidades de fetiches e conteúdos personalizados (Parreiras, 2012), como demonstram os exemplos abaixo:

Seja bem-vindx! Fique à vontade para pedir conteúdo exclusivo e personalizado pela direct. (Trecho de mensagem inicial, enviada através do chat no momento de aprovação da assinatura do perfil).

Por aqui você vai encontrar fetiches, POVs¹², narrações, conteúdo solo e muitos vídeos acompanhada! Amo realizar os seus desejos! Então mande-os! (Trecho da descrição do perfil de um dos perfis assinados).

Dúvidas e conteúdos personalizados me chame na dm¹³ aqui :) (Trecho da descrição do perfil de um dos perfis assinados).

Desejamos que você tenha uma excepcional experiência conosco e que nossos conteúdos possam ajudar a alimentar as suas fantasias e desejos e que você possa se sentir livre e buscar sua sexualidade plena. (Trecho da descrição do perfil de um dos perfis assinados).

Além disso, a dinâmica em questão também contribui para a formação de redes de sujeitos com interesses em comum, não apenas sexuais, mas também profissionais/financeiros. Isso porque, cinco do total de nove respostas ao questionário aplicado, confirmaram a existência de uma rede de apoio entre as produtoras de conteúdo, seja por meio de grupos de *WhatsApp* ou *Telegram*, ou ainda, através das divulgações mútuas dos seus perfis de produtoras de conteúdo, o que se configura como uma rede de sujeitos com interesses profissionais/financeiros em comum. Ao mesmo tempo, seis dentre as nove respondentes confirmaram já terem conhecido algum assinante/cliente pessoalmente, revelando o contato entre sujeitos com interesses sexuais e/ou profissionais em comum.

Por outro lado, em relação à sexualidade das produtoras de conteúdo, sete das nove respondentes se identificaram como bissexuais, e as outras duas como heterossexuais. Com isso, caracterizada como uma maioria bissexual, percebe-se a presença de identidades sexuais consideradas periféricas (Giddens, 1993; Foucault, 2021), nessa dinâmica pouco convencional. Portanto, considerando ainda que as interlocutoras são todas mulheres, e a maioria bissexual, ao menos no que compete ao campo profissional em que atuam, faz sentido que estejam

¹² POVs é a sigla para *Points of View* (pontos de vista, em português). No contexto da internet e das redes sociais, especialmente em plataformas de vídeo como *Tik Tok* e *YouTube*, "POV" é uma legenda utilizada para indicar que o conteúdo está sendo apresentado a partir da perspectiva de uma pessoa específica, convidando o espectador a se sentir na respectiva posição.

¹³ DM é a sigla para *direct message* (mensagem direta, em português). Na comunicação online, especialmente em plataformas de mídia social como *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*, "DM" refere-se a uma "mensagem direta" enviada entre usuários. As mensagens diretas são privadas e não visíveis ao público geral.

ocupando e explorando formas inovadoras de vivenciar a própria sexualidade, diferindo do modelo de casamento heteronormativo, como apontaram Giddens e Foucault.

Em relação às dificuldades em decidir produzir e vender conteúdo adulto, seis dentre as nove respondentes confirmaram terem enfrentado dificuldades nessa tomada de decisão. Ao indicarem quais foram as dificuldades enfrentadas, todas as seis respondentes mencionaram o receio do julgamento social: “medo da família descobrir”, “medo de exposição”, “preconceito da sociedade”, “dificuldade no início de falar com o que eu trabalho”. Diante disso, percebe-se, ainda, a forte influência de uma esfera social moralista mais conservadora, que permeia as formas de vivenciar a sexualidade fora dos padrões cristãos (visando a reprodução, apenas), marcando presença nas ponderações daqueles(as) que desviam dessa convenção social (Giddens, 1993; Foucault, 2021).

Diante da existência da produção e venda de conteúdo adulto, concomitantemente ao aumento progressivo de sua aparição nos meios digitais, percebe-se que tal prática nem sempre sucumbe à repressão e ao julgamento mencionados. Aos poucos, essas identidades sexuais ditas alternativas têm agregado um público ao seu redor, que produz, vende e consome esse conteúdo, possibilitando, por conseguinte, outras formas de construção das próprias identidades, especialmente no caso das mulheres, que enfrentam e deixam de estar presas ao dilema de agir como mulheres “virtuosas” e mulheres “perdidas” (Giddens, 1993). Assim, constroem-se identidades alternativas às do casamento heteronormativo cristão, a exemplo das cinco dentre as nove respondentes, que informaram não serem solteiras e ainda assim participarem da dinâmica de venda e produção de conteúdo adulto, ou, ainda, como observado ao longo do processo etnográfico, a exemplo da existência de perfis de casais heterossexuais e homossexuais que produzem e vendem conteúdo adulto juntos.

2.6 A plataforma *Privacy* e a influência neoliberal

Por fim, mas não menos importante, ao longo da pesquisa etnográfica e com base na convivência com determinados discursos contemporâneos, muito presentes em ambientes virtuais, percebeu-se a confluência entre os ideais difundidos pela plataforma *Privacy* e algumas perspectivas e comportamentos neoliberais.

Uma das formas mais claras dessa influência neoliberal é a monetização da intimidade e a mercantilização de aspectos pessoais. O geógrafo britânico David Harvey discute em sua obra *O neoliberalismo: história e implicações* (2008), como a tendência neoliberal à privatização e à desregulamentação fomenta a mercantilização de aspectos da vida antes considerados privados. Ao transformar tudo em mercadoria, o neoliberalismo cria um ambiente

propício para que praticamente tudo, incluindo aspectos íntimos e pessoais da vida, possa ser transformado em mercadorias, abarcando oportunidades de lucro com a comercialização da intimidade.

Ao navegar pelo site da plataforma *Privacy*, logo se depara com o seu *slogan*: “Ajudamos a monetizar sua liberdade”. Isso reflete a crença neoliberal de que cada aspecto da vida pode ser uma oportunidade de lucro, como no caso da liberdade, da sexualidade e dos fetiches, promovendo uma auto-exploração contínua entre a vida pessoal e a econômica. Quando questionadas acerca das motivações que as levaram a produzir e vender conteúdo adulto, sete dentre as nove respondentes mencionaram aspectos financeiros: “pelo salário”, “influência de dinheiro fácil”, “liberdade financeira”, “sou bonita, resolvi monetizar isso”, “pela grana”. Dessa forma, os sujeitos são incentivados a explorarem continuamente sua vida íntima e pessoal, transformando experiências privadas em produtos comercializáveis.

Figura 4 - Interface de login

www.privacy.com.br Ainda nessa linha de pensamento, o escritor e pesquisador bielorrusso Evgeny Morozov, que aborda a temática da mobilização da tecnologia com pessimismo, indica, em sua obra *Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política* (2018), que “o modelo de capitalismo ‘dadocêntrico’ adotado pelo Vale do Silício busca converter todos os aspectos da existência cotidiana em ativo rentável” (Morozov, 2018, p. 33). Neste sentido, tal proposição configura mais uma lógica que pode ser exemplificada pela dinâmica de venda de conteúdo adulto através de plataformas digitais, na qual a “liberdade” individual e sexual é convidada a ser monetizada.

Em sua obra *The Strange Non-Death of Neoliberalism* (2010), o sociólogo e cientista político inglês Colin Crouch oferece uma análise aprofundada de como o neoliberalismo, ao

contrário das previsões de seu declínio com a crise financeira de 2008, continua sendo uma força predominante nas políticas econômicas e sociais globais. Seu argumento central é de que o neoliberalismo não se sustenta apenas em políticas econômicas específicas, como a desregulamentação ou privatização, mas, mais amplamente, como um conjunto de valores e lógicas que moldam o comportamento de instituições, indivíduos e governos. Isso pode ser observado através das citadas motivações da maioria das produtoras de conteúdo, interlocutoras da presente pesquisa, em relação a criação e venda de conteúdos adultos: fazem pelo dinheiro. Para elas, contemporâneas do neoliberalismo, monetizar a própria intimidade é algo que faz sentido.

Outros estudos seguem demonstrando aspectos neoliberais presentes na dinâmica de produção e venda de conteúdo adulto através de plataformas digitais (*Privacy, OnlyFans*), como investiga o sociólogo Marcelo Soares, em recente artigo: *Sexo e corpos platformizados: neoliberalismo como gestão do desejo em tempos de capitalismo de plataformas* (2023). Neste artigo, Soares articula as argumentações de diversos autores, como Judith Butler (2019a, 2019b), Dardot e Laval (2016) e Deleuze e Guattari (2010), para abordar a temática do desejo e explicar como ele vem sendo mobilizado por plataformas — sobretudo aquelas de conteúdo adulto — numa perspectiva neoliberal, como uma forma de extrair lucro e de moldar, também, um sujeito-empresa. Partindo do pressuposto de que o desejo não é “natural” ou inato ao ser humano, e sim produto de condicionantes sociais e culturais e carregam em si discursos, Soares aponta que as plataformas passam a impressão de que o sujeito é dono de seu perfil e produz à sua maneira, dando-lhes a sensação de que estão trabalhando para si — invisibilizando a influência dos donos da empresa que comandam as plataformas, afinal, seria possível realizar a criação e venda de conteúdo adulto, nesses moldes, sem a existência dessas plataformas?

Enquanto os(as) produtores(as) de conteúdo adulto, apresentam-se como produtos a serem comprados através das plataformas, os assinantes/consumidores passam a enxergá-los como mercadorias. Logo,

o desejo atua sob duas perspectivas: do produtor de conteúdo e do consumidor desse conteúdo, de modo que ele contribui para produzir conexões entre esses sujeitos, mas, conexões não esvaziadas de sentido e significado, representam uma reprodução da lógica neoliberal que ao mesmo tempo produz esses sujeitos. (Soares, 2023, p. 6051).

Em suma, a plataforma *Privacy*, ao promover a monetização da intimidade, insere as produtoras de conteúdo adulto em uma engrenagem neoliberal que as transforma em empreendedoras de si mesmas. Ao venderem seus corpos e experiências, essas mulheres acreditam estar exercendo sua liberdade e autonomia, sem perceberem que, na verdade, estão sendo moldadas por uma lógica de mercado que as incentiva a transformar sua sexualidade em mercadoria. A lógica da

plataforma, ao mesmo tempo em que promete liberdade e empoderamento, aprisiona as produtoras em um sistema de produção e consumo que as submete a um controle sutil, mas eficaz, sobre seus corpos, desejos e subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso buscou investigar as dinâmicas e peculiaridades envolvidas na produção e venda de conteúdo adulto por mulheres brasileiras cisgênero através da plataforma *Privacy*, destacando tanto as motivações individuais quanto os contextos sociais que influenciaram e influenciam tais práticas. A análise realizada, ao longo desta pesquisa, aponta para uma correspondência entre transformações sociais mais amplas, como a liberdade e autonomia sexual das mulheres, e os desafios enfrentados por elas ao ocuparem um espaço que ainda carrega os estigmas de uma moralidade conservadora.

A partir do diálogo estabelecido entre Giddens (1993) e Foucault (2021) e em conjunto com a parte empírica da pesquisa, foi possível perceber possíveis formas de desconstrução de padrões tradicionais heteronormativos, pautados na moralidade cristã e no matrimônio. Especialmente no caso das mulheres que produzem e vendem conteúdo adulto, percebeu-se que elas compõem parte das ditas sexualidades periféricas, relembrando a relação entre as práticas sexuais e sua participação no processo de construção das identidades dos sujeitos. Conforme as respostas do questionário, as dificuldades enfrentadas por elas indicam que ainda existe forte influência da moralidade cristã no comportamento social, que conseqüentemente estimula o julgamento pautado nos mesmos parâmetros. Além disso, minha própria decisão de não produzir e vender conteúdo adulto através da plataforma *Privacy*, enquanto pesquisadora que se propôs a etnografar este tipo de ambiente, foi um processo acometido pelas mesmas dificuldades relatadas pelas interlocutoras da pesquisa, isto é, não o fiz por medo do julgamento social.

Com Parreiras (2012) e Rost (2016), compreendeu-se a amplitude e maleabilidade das categorias de pornografia, pornografia alternativa (ou *altporn*), pornografia *mainstream* e pornografia amadora, incluindo a importância de serem contextualizadas quando mencionadas. Ainda assim, cada categoria apresentou um conjunto de características elementares, capazes de auxiliar no mapeamento e compreensão deste nicho cada vez mais profuso e ramificado, especialmente através de contextos digitais. Neste sentido, a plataforma *Privacy*, em geral, revelou-se um exemplo de espaço digital no qual pornografia amadora, alternativa e *mainstream* se misturam, sendo possível, através do trabalho de campo, encontrar perfis tanto que integram conteúdos com elementos característicos de todas as categorias mencionadas, quanto conteúdos que se alinham a uma categoria mais específica. Vale também ressaltar, a percepção da dinâmica geral da plataforma, que conflui para uma das características próprias da pornografia alternativa: conecta pessoas com interesses em comum, criando uma rede de

produtoras e consumidores de conteúdo pornográfico. Assim, a plataforma possibilita o contato dos assinantes/consumidores as produtoras; o contato das produtoras entre si; e o contato de pessoas/profissionais envolvidas com este tipo de atividade, como fotógrafos, acompanhantes, profissionais do sexo, etc.

Ao discutir a relação entre a produção de conteúdo adulto e as lógicas neoliberais, observou-se como o desejo e a intimidade são monetizados de forma ativa. Com base nas motivações das interlocutoras, e em diálogo com Harvey (2008), Morozov (2018) e Crouch (2010), percebe-se que a necessidade de dinheiro característica do capitalismo, leva os sujeitos a desenvolverem uma mentalidade neoliberal, na qual a prática da monetização dos aspectos íntimos e subjetivos de suas vidas é normalizada, e inclusive incentivada, como propõe o *slogan* da própria plataforma *Privacy* (“Ajudamos a monetizar sua liberdade”). Dessa forma, o neoliberalismo sustenta-se através da propagação de lógicas e valores que moldam as ações dos sujeitos perante si mesmos e perante o restante da sociedade.

A articulação de Soares (2023) com outros autores (Butler, 2019a; Butler, 2019b; Dardot e Laval, 2016; Deleuze e Guattari, 2010) também contribui para pensar como essa dinâmica de monetização das dimensões pessoais dos sujeitos, os leva a tornarem-se sujeitos-empresa. No caso da *Privacy*, tal configuração acarreta numa mercantização das relações estabelecidas, nas quais uns (consumidores) enxergam outros (produtores) como produtos (à venda) a serem escolhidos e comprados (no ato da assinatura). Logo, a relação estabelecida entre esses sujeitos não escapa da lógica neoliberal e capitalista contemporânea, que envolve dinheiro, venda e consumo nas mais diversas dimensões da vida humana, e que estabelece relações de poder, sobretudo num contexto de desigualdade financeira. Portanto, as reflexões teóricas de Giddens (1993) e Foucault (2021), ao lado de outros autores contemporâneos, mostraram-se essenciais para explicar como as dinâmicas de poder e de mercado se entrelaçam com a subjetividade e a agência dessas mulheres.

Ao longo do trabalho de campo, como foi mencionado, houve dificuldades para acessar as produtoras de conteúdo adulto, e faz sentido que tenha sido assim, por conta da vulnerabilidade da posição em que elas estão expostas. Como foi explicado, principalmente com Giddens (1993) e Foucault (2021), pode-se dizer que essas mulheres compõem parte do grupo de sujeitos que vivenciam sexualidades periféricas, e que, por estarem explorando essas recentes formas de exposição de seus corpos e de suas relações sexuais, demonstraram ser alvo de críticas e julgamentos sociais, muitas vezes de forma negativa. Logo, a desconfiança e preferência por não se envolverem numa proposta como a desta pesquisa, é compreensível.

Em vista da pequena quantidade de interlocutoras que esta pesquisa alcançou, e considerando também a flexibilidade e superficialidade da maioria das dinâmicas digitais contemporâneas, as considerações não devem ser tomadas como conclusivas, nem rígidas e fechadas. As práticas estudadas refletem não apenas uma inovação tecnológica e mercadológica, mas também novas formas de negociação de poder, prazer e identidade, que desafiam as fronteiras entre público e privado e entre o corpo e o mercado. Assim, a dinâmica da produção e venda de conteúdo adulto através de plataformas digitais, como a *Privacy*, ainda instigam estudos na área da Ciências Sociais e a discussão de suas peculiaridades demonstrou-se ampla, concluindo, portanto, que sua investigação não deve findar-se por aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDO, Humberto. **Empresários paulistanos lançam versão brasileira do *OnlyFans***. Veja São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/empresarios-paulistanos-lancam-versao-brasileira-do-onlyfans/>>. Acesso em: 05 set. 2024.
- ATWOOD, Feona. **No money shot?** Commerce, Pornography and New Sex Taste Cultures. *Sexualities*, v. 10, n. 4, p. 441-456, 2007.
- BAKEHORN, Jill. **Making Authenticity explicit:** how woman-made porn constructs “real-sex”. PhD Dissertation. University of California, Davis, 2010.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder:** teorias da sujeição. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019a.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam:** Os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Veronia Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, 2019b.
- CANALTECH. **O que é Privacy?** Canaltech, 2023. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/o-que-e-privacy/>. Acesso em: 05 set. 2024.
- CARVALHO, Caio. **O que é Privacidade?** Uma alternativa brasileira do OnlyFans. Canaltech, 22 dez. 2021. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/o-que-e-privacy/>>. Acesso em: 15 set. 2024.
- CROUCH, Colin. *The Strange Non-Death of Neoliberalism*. New York: Polity, 2010.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A fábrica do sujeito neoliberal.** A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Ed.34. 2010.
- DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo.** Os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber.** 11ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, 2: O Uso dos Prazeres.** 5.ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, 3: O Cuidado de Si.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1990.
- GOMES, Ivan M.; ALMEIDA, Felipe Q.; VAZ, Alexandre F. **Sobre corpo, reflexividade e poder: um diálogo entre Anthony Giddens e Michel Foucault**. *Política e Sociedade*, v. 8, n. 15, out. 2009.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- LEITE JR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais**. A pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis, Vozes, 2015.
- MILLER, Daniel; HORST, Heather. (ed.s). **Digital Anthropology**. London/New York: Berg, 2012.
- MILLER, Daniel.; SLATER, Don. **Etnografia on e off-line: cybercafés em Trinidad**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan/jun. 2004.
- MIRANDA, Thais Bittencourt de. Anthony. **Pornografia Online Amadora: Como lidar? Desafios metodológicos de pesquisa diante de uma temática controversa**. *Atas Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*, v. 3, p.307-312 2014.
- MISKOLCI, Richard. **Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade**. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 6, n. 2, p. 275-297, jul.-dez. 2016.
- MOROZOV, Evgeny. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- ORANGE SEA CORP. **Privacy**. Página de login. Disponível em <<https://privacy.com.br/auth?route=sign-in>>. Acesso em: 04 set. 2024.
- PAASONEN, Susanna. **Labors of love: netporn, Web 2.0 and the meanings of amateurism**. *New Media & Society*, London, Sage Publications, v. 12, n. 8, p.1297–1312, 2010.
- PARREIRAS, Carolina.; LINS, B.; FREITAS, E. **Estratégias para pensar o digital**. *Cadernos de Campo (São Paulo, online)*. v. 29, n. 2, p.1-10. USP, 2020.
- PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 2015.
- PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online**. *Cadernos Pagu*. n. 38, p. 197-222, jan.-jun, 2012.
- PARREIRAS, Carolina. **Just click here: notas sobre gênero e sexualidade em práticas e corpos ciber-pornôs**. *Fazendo Gênero 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. University of California, Berkeley, Estados Unidos, 23 a 26 de agosto de 2010a.

PARREIRAS, Carolinas. **Internet e mercado erótico: notas etnográficas sobre x-sites.** V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro/RJ, 15, 16 e 17 de setembro de 2010b.

PELÚCIO, Larissa. **Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais.** Revista Contemporânea, v. 6, n. 2, p.302-333, 2016.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Anais, Brasília, 2006. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1264/000548498.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2024.

ROST, Mariana. **“Centenas de pessoas online”, mas nem tantas: a produção da diferença na pornografia *live streaming* do cam4.com.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

ROST, Mariana. **Sexualidades em negociação: A pornografia *live streaming* no CAM4.com.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2016.

SANTOS, Bruna Motta dos; OLIVEIRA, Bruno Hermes de. **Noção de pessoa e subjetividade: A Intimidade e suas transformações sob a ótica de Anthony Giddens.** CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 26, p.162-178, 2018.

SOARES, Marcelo C. **Sexo e corpos plataformizados: neoliberalismo como gestão do desejo em tempos de capitalismo de plataformas.** Cuadernos de Educación y Desarrollo, Portugal, v.15, n.7, p. 6041-6053, 2023.

STARTUPI. **Privacy acquire startup para impulsionar ganhos de influenciadores.** 23 jul. 2024. Disponível em: <<https://startupi.com.br/privacy-acquire-startup/>>. Acesso em: 6 set. 2024.

THIOLLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** 3.ed. São Paulo, Polis, 1982.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar.** In: NUNES, Edson de Oliveira – A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p.122-134.

APÊNDICE – Perguntas do questionário

Questionário para Pesquisa de Conclusão de Curso

O questionário visa descrever o perfil identitário de mulheres que produzem e vendem conteúdos considerados pornográficos/eróticos através da plataforma Privacy, objetivando, mais especificamente, compreender melhor as motivações, dificuldades e peculiaridades desse tipo de atividade, com base nas experiências de tais mulheres.

Ressalta-se, ainda, que as identidades das respondentes não serão divulgadas e será mantido o anonimato.

Seção 1:

01. Nome: _____

02. Idade: _____

03. Cor/raça:

Branca

Preta

Parda

Indígena

Amarela

Outro: _____

04. Em qual cidade você nasceu? _____

05. Em qual cidade você reside atualmente? _____

06. Grau de escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Médio incompleto

Ensino Médio completo

Graduação incompleta

Graduação completa

Pós-graduação incompleta

Pós-graduação completa

Outro: _____

07. Status civil:

Solteira

- Casada
- Divorciada
- Viúva
- Outro: _____

08. Possui algum filho(a)? _____

09. Se sim, quantos? _____

10. Orientação religiosa: _____

11. Orientação sexual: _____

12. Com quem você mora? _____

Seção 2:

13. Quando você começou a produzir e vender conteúdo pornográfico/erótico? _____

14. Que nome você dá para essa atividade (criação e venda de conteúdo considerado pornográfico/erótico)? _____

15. Quais tipos de trabalho você exerceu antes de começar a produzir e vender esse tipo de conteúdo? _____

16. Por que você decidiu produzir esse tipo de conteúdo? _____

17. Você encontrou alguma dificuldade em tomar essa decisão? _____

18. Se sim, quais foram as dificuldades? _____

19. Quanto você fatura por mês, em média, com a venda dos conteúdos? _____

20. Em relação ao chat da plataforma, você considera:

que a maioria dos assinantes utiliza o chat

que a minoria dos assinantes utiliza o chat

21. Quais aspectos dessa atividade você julga como positivos? _____

22. Quais aspectos dessa atividade você julga como negativos? _____

23. Como sua família e amigos avaliam esse tipo de atividade (produção e venda de conteúdos considerados pornográficos/eróticos)? _____

24. Você já chegou a conhecer algum assinante do seu perfil? _____

25. Se sim, como foi? _____

26. Você conhece alguma rede de apoio entre as produtoras de conteúdo? Se sim, como funciona? _____

27. Mais alguma informação/experiência que deseja compartilhar? _____